



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## **A ANTOLOGIA DO FOLCLORE CEARENSE E A CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOBRE O CEARÁ**

Ana Amélia Rodrigues de Oliveira\*

Em 1968 Florival Seraine publicou a primeira edição de Antologia do Folclore Cearense, uma reunião de fragmentos de pesquisas realizadas por alguns dos intelectuais cearenses que dedicaram parte de sua produção ao registro da chamada “cultura popular”. Dentre esses intelectuais estão José de Alencar (1829-1877), Guilherme Studart (1856-1938), Rodrigues de Carvalho (1862-1955), Gustavo Barroso (1888-1959) dentre outros. O objetivo do autor ao publicar o livro era “prestar uma homenagem aos escritores regionais que dedicaram ou estão a dedicar atenção aos fatos da vida cultural do nosso povo” (Seraine, 1968, p. 5).

A Antologia do Folclore Cearense foi publicada no período em que estavam em voga as discussões relativas à institucionalização dos estudos folclóricos no Brasil. Apesar de, na apresentação da segunda edição da antologia (Seraine, 1983, p.13), Seraine afirmar que esses estudiosos nunca encararam o folclore como uma disciplina científica, ele ressalta que os mesmos merecem reconhecimento por tentarem alcançar, firmados nas concepções relativas ao seu tempo, diretrizes metodológicas que direcionassem os estudos da cultura popular. Os trabalhos de folcloristas como Gustavo Barroso e Ildefonso Albano, por exemplo, teriam contribuído para o fortalecimento de

---

\* Doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará (Bolsista FUNCAP).

uma identidade regional a partir da “valorização” daquele que seria um dos tipos humanos do Ceará: o vaqueiro.

Mesmo destituídos, segundo ele, de um caráter de cientificidade, os trabalhos/registros realizados em fins do século XIX e início do XX deram importante contribuição por revelarem traços complexos que seriam característicos das populações das diversas regiões cearenses (Seraine, 1978, p. 9). O conhecimento das etnias cearenses seria de suma importância para compreender como, e em que grau, elas concorreram para a formação do patrimônio cultural do “nosso homem”.

No Brasil, a luta pelo reconhecimento dos estudos folclóricos como campo de estudo pode ser percebida desde a década de 1920, quando intelectuais como Amadeu Amaral, Mário de Andrade, Câmara Cascudo e outros buscavam imprimir à pesquisa folclórica uma orientação científica através da consolidação de espaços institucionais que pudessem definir as diretrizes de trabalho a serem seguidas pelos folcloristas, como a criação de procedimentos de coleta e análise de material.

Segundo Luiz Rodolfo Vilhena (1997, p. 94), a criação da Comissão Nacional do Folclore (CNFL) em 1946 representou um marco na institucionalização dos estudos folclóricos no Brasil por ter superado o caráter local que caracterizou a maioria das iniciativas anteriores, constituindo uma vasta rede que se estendia pela maioria dos estados brasileiros. Segundo o autor, a criação da Comissão representou um importante passo na tentativa de desvincular os estudos folclóricos da concepção romântica e literária que dominara a pesquisa folclórica até então.

Mas, ainda de acordo com Vilhena, a maior conquista nesse campo foi a criação, em 1958, da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB), órgão de apoio ao folclore e diretamente ligado à administração federal. A reivindicação dos intelectuais já era antiga e buscava a criação de uma agência governamental que coordenasse os esforços em prol da defesa e preservação das manifestações folclóricas. Segundo Vilhena, a institucionalização dos estudos folclóricos representou o engajamento de um considerável número de intelectuais na valorização da cultura popular, “concebida por eles não apenas como um objeto de pesquisa, mas principalmente como o lastro para a definição de nossa identidade nacional” (Vilhena, 1997, p. 21).

A partir da Antologia de Florival Seraine podemos perceber que, desde o século XIX, os intelectuais cearenses já tentavam classificar o popular, e essa classificação era parte constitutiva da construção da identidade cearense, na medida em que esses autores elegiam, através de suas escritas, os elementos definidores de uma espécie de “cearensidade”. Esses elementos são o índio, o vaqueiro, a seca, o sertanejo, termos utilizados nos títulos de alguns trabalhos para qualificar, acredito eu, uma determinada manifestação cultural. É o caso, por exemplo, de “Pelo sinal do sertanejo”, “Uma dança de origem indígena” e “Folclore mágico do vaqueiro” [grifo meu]. A meu ver, são os termos grifados que atribuem valor “folclórico” a essas manifestações, porque não sendo indígena, sertaneja ou do vaqueiro, essas expressões não teriam validade, pois não seriam “do povo”.

Como fonte de pesquisa, a Antologia nos oferece diversas possibilidades de abordagem, já que a partir dela podemos refletir sobre a importância que os estudos folclóricos ganham no Brasil num determinado período, ou mesmo como a cultura escrita e os intelectuais produzem saber sobre a cultura popular e instituem esse saber como uma espécie de verdade sobre a questão. Mas esse não é o nosso objetivo! Pensando que um documento não é apenas um discurso, mas uma ação, na medida em que toda ação tem uma finalidade, o que pretendemos fazer aqui é uma crítica ao estatuto do documento, aos usos que são feitos dele, e é isso que tentaremos fazer em relação à antologia.

Segundo Roger Chartier, o uso de um livro como fonte de pesquisa não se restringe apenas à análise de seus aspectos textuais, das intencionalidades do autor, de seu conteúdo, mas à análise de sua própria materialidade. O autor afirma que, “não há texto fora do suporte que o dá a ler e que não há compreensão de um escrito, seja qual for, que não dependa das formas nas quais ele chega ao seu leitor” (Chartier, 2002, p. 71).

Para Chartier os autores não escrevem livros, mas textos, e são sujeitos como o editor ou o tipógrafo, por exemplo, que darão a esses textos o status de livro. A disposição e a divisão do texto, a existência ou não de gravuras, o tipo de papel usado são elementos presentes no livro que podem, em certa medida, possibilitar diferentes formas de apreensão do escrito. “Esses procedimentos de produção de livros não

pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto” (Chartier, 2001, p. 97).

As reflexões apresentadas pelo citado autor são importantes para entendermos que nenhum texto existe independente de sua materialidade, e que essa materialidade também constrói sentido sobre o mesmo. O principal alvo das críticas de Roger Chartier é aquele tipo de literatura que pensa a obra como algo que existe em si mesmo, como um texto abstrato e desconsidera os aspectos tipográficos como elementos fundamentais para entender o livro enquanto objeto cultural.

Mesmo considerando que a análise apresentada anteriormente é bastante pertinente, não são os aspectos tipográficos da Antologia do Folclore Cearense que serão analisados aqui. As ideias de Chartier me ajudam a pensar o estatuto social da Antologia, refletindo sobre o que é uma antologia, quais são as características desse tipo de obra, para que ela serve e o que está por detrás da sua feitura. Acredito que analisar essas questões é também pensar a materialidade de um livro, na medida em que são aspectos que não estão evidentes no conteúdo do texto, mas que de forma subjacente podem contribuir para diversas formas de apreensão do escrito.

Segundo Janaina Senna, o termo antologia remete aos gregos, a quem se atribui a realização da primeira obra antológica impressa no mundo ocidental. Esse tipo de obra teria surgido da necessidade de reunir, numa coletânea, epigramas gregos que seriam conservados para a posteridade, isso por volta de 100 e 80 a.c. Com o passar dos anos, vários tipos de antologias foram surgindo, algumas delas apresentando poemas de cunho moralizante, satíricos ou até mesmo pederásticos, mas sempre nesse mesma perspectiva de coletar, de reunir (Senna, 2006).

Ainda de acordo com a autora, durante cerca de três séculos, o ocidente manteve um contato muito restrito com os epigramas gregos, conhecendo-os muito pouco, o que não impediu que a intelectualidade ocidental produzisse ou tivesse acesso a outros tipos de coletâneas. Segundo Janaina Senna, desde o renascimento até o século XVIII, essas coletâneas – que não estavam diretamente relacionadas ao tipo de antologia grega – visavam, fundamentalmente, ao aspecto da exemplaridade ou da formação escolar.

De acordo com Emmanuel Fraisse, o vocábulo utilizado para definir esse tipo de coletânea era florilégio, termo mais utilizado na Europa desde a idade média e que seria o correspondente latino do termo grego antologia. Esses florilégios eram coletâneas de excertos de obras religiosas e eram reunidos com o intuito de servir a propósitos dogmáticos e éticos (Fraisse apud Senna, 2006, p. 21). O termo antologia só se difunde na Europa no século XIX, e até esse momento o seu uso se restringia a um meio erudito e estava diretamente associado à antologia do tipo grega. “Além de reunir e organizar o que precisava ser aprendido, os florilégios condensavam esse saber fornecendo, com isso, os meios para que os seus leitores pudessem pensar e se expressar” (Senna, 2006, p.22).

O trabalho de Janaína Senna ajuda-nos a perceber que, independentemente de usar o termo antologia ou florilégio, esse tipo de coletânea, ao longo dos séculos, vai ganhando novos sentidos, usos e finalidades, mas está sempre relacionado a uma função pedagógica, como afirma a autora.

A meu ver, tais distinções são indispensáveis para delimitar as especificidades (ou não) da antologia. É importante, porém, insistir no fato de que – como é possível notar pelos vários pontos de interseção encontrados na caracterização dessas outras coletâneas – todas elas, independentemente das denominações que possam receber ou até mesmo dos temas de que possam tratar, estão basicamente voltadas para o universo pedagógico (Senna, 2006, p. 29).

A chegada do século XIX representa o período de consolidação do poderio de algumas nações europeias, bem como de fortalecimento do sentimento de nacionalidade, sentimento esse que será estimulado das mais diversas formas, desde festividades cívicas a exposições em museus. É dentro dessa configuração social que uma nova função será atribuída à antologia: a de contribuir para a fundação de uma identidade nacional.

A criação de um sentimento de nacionalidade passa, necessariamente, pela constituição de uma memória nacional, necessária para organizar e disciplinar os indivíduos formadores da nação idealizada. Daí a necessidade dos elaboradores dessa memória de se apropriarem do tempo, buscando no passado referenciais que legitimem a memória patriótica. Segundo Michael Pollak, as memórias fortemente constituídas, como a memória nacional, caracterizam-se por reforçar sentimentos de pertencimento,

sendo a referência ao passado fundamental para manter a coesão dos grupos que compõem uma sociedade (Pollak, 1989).

É sobre esse sentimento de pertencimento que as antologias vão atuar, na medida em que essas obras, a seu modo, reafirmarão a existência de uma espécie de patrimônio coletivo e definirão os elementos históricos e culturais comuns à sociedade ao reunir, num só lugar, os fragmentos de épocas passadas que serão considerados como referenciais importantes para o presente.

Sobre a nova função que a antologia assume no século XIX, Janaína Senna afirma:

Não por acaso a sua destinação mais imediata será a rede de ensino, onde encontra um público em formação, adequado, portanto, aos seus serviços. Os próprios programas incentivam esse tipo de obra panorâmica, mais ou menos superficial, que, por sua estrutura, consegue fixar no aluno uma boa ideia do patrimônio a ser considerado comum (Senna, 2006, p.40).

A Antologia do Folclore Cearense pode ser pensada dentro dessa dinâmica, já que, a nosso ver, Seraine tenta definir uma identidade cearense a partir do momento em que compila trabalhos de intelectuais que buscam a definição do que é próprio do estado, típico do Ceará. Alguns dos textos reunidos na Antologia trazem em seu título o termo “cearense”, uma forma de deixar claro, acredito eu, de que o que está sendo apresentado ali é característico do Ceará.

Precisamos ressaltar que a principal característica desse tipo de gênero literário é o ato de transmissão, que constitui a sua verdadeira razão de ser, porque, em planos gerais, a especificidade de uma antologia é condensar para divulgar. Em relação à divulgação, a antologia é um gênero fácil de ser difundido porque reúne fragmentos de textos de autores que normalmente são apresentados em grandes obras, obras essas que normalmente têm um custo mais elevado e exigem certo hábito de leitura por conta de sua extensão. A antologia permite ao leitor um acesso fácil e rápido a um conteúdo normalmente apresentado de forma muito extensa, facilitando a interação desse tipo de obra com um público não especializado (Senna, 2006, p. 41).

Na sua Antologia, Seraine retoma trabalhos e autores, talvez já esquecidos pelo tempo, para fundar uma espécie de tradição cearense no que se refere aos estudos

folclóricos, uma forma de inserir o Ceará num campo intelectual que tentava se estabelecer naquele período e numa rede de contatos que envolvia alguns dos maiores nomes da intelectualidade brasileira da época. Produzir estudos sobre o folclore era inserir o Ceará dentro desse campo de estudos, era investir na produção de uma imagem do estado sob a insígnia da cultura, daí a importância do trabalho de Seraine nesse momento.

As datas de publicação dos textos reunidos por Florival Seraine em *Antologia do folclore cearense* estão inseridas no período que vai de 1870 a 1960. São quase cem anos de coleta, estudo e classificação do popular, sendo alguns desses textos publicados ainda no século XIX, caso do de José de Alencar, publicado em 1874; e outros publicados na segunda metade do XX, caso do texto *Folclore do Nordeste*, de Eduardo Campos, publicado em 1961.

É possível que haja uma diferença em relação ao objetivo desses intelectuais ao estudarem o popular. Aqueles formados sob a influência da cultura oitocentista podem ter realizado seus trabalhos motivados pelo desejo de coletar tudo sobre o Ceará, na medida em que catalogar, registrar e classificar eram práticas da ciência no século XIX. Já o interesse dos demais autores pelo popular pode variar entre o temor pela ameaça de extinção das tradições e o interesse em querer atribuir certo valor simbólico à cultura popular cearense.

Os textos publicados nas décadas de 1940, 1950 e 1960 podem estar em consonância com a ideia de Rodolfo Vilhena apresentada anteriormente, de que a institucionalização dos estudos folclóricos no Brasil teria se efetivado com a criação, em 1946, da Comissão Nacional do Folclore; e da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro em 1958. A criação de ambas representaria a tentativa de superar o caráter romântico que dominara a pesquisa folclórica até então, a partir da constituição de uma rede de estudos que pudesse dar conta da diversidade do folclore brasileiro.

A publicação da *Antologia do Folclore Cearense* tinha a pretensão de dar evidência ao folclore cearense dentro dessa nova dinâmica nacional. Acreditamos que a ideia da *Antologia*, por exemplo, era dar conta da diversidade do folclore cearense, reunindo trabalhos relacionados às mais diversas manifestações culturais do povo, como reisados, cantorias, previsões de seca e inverno, tratamentos populares, ritos fúnebres

etc. Essa integração racionalizada da cultura popular não representou apenas a sua transformação em objeto de estudo, mas a fixação do principal elemento de definição da identidade nacional.

O critério utilizado por Seraine para organizar a Antologia é o cronológico, como ele mesmo afirma no posfácio do livro. Os autores são organizados de acordo com o ano de publicação dos textos selecionados para a publicação. Cada capítulo começa com um ou dois trechos de algum trabalho significativo do autor e em seguida consta uma pequena biografia. Por último, Seraine coloca uma nota explicativa, normalmente voltada pra explicar algo relacionado ao tema pesquisado ou ao sistema de coleta e pesquisa utilizados. A seguir, o texto da nota colocada no capítulo referente a Guilherme Studart:

Selecionaram-se 100 dentre os 335 usos e superstições cearenses recolhidos pelo ilustre historiador, nos meios populares cearenses. Studart realizou apenas a colheita do material, que merece, sem dúvida, cuidadosa análise e estudo comparativo, em relação ao folclore nacional e ao de outros países. Mesmo assim, é valiosa a sua contribuição ao estudo de um tema que pode, ainda, oferecer dados importantes ao conhecimento da medicina, da meteorologia, da magia, em suma, da mentalidade pré-científica, concernente ao homem que vive dentro da folk culture (Seraine, 1968, p. 20) [grifo meu].

Pelo texto é possível perceber que Seraine ressalta a relevância do trabalho de coleta de Studart, mas ao mesmo tempo o minimiza, ao afirmar que sua pesquisa ficou restrita à coleta do material, ressaltando mais uma vez a falta de cientificidade de alguns desses estudos. Coincidência ou não, observações como essas estão presentes nas notas que acompanham, justamente, os textos dos autores mais antigos, a quem é atribuído esse caráter não-científico, caso do texto de Studart, publicado em 1910 na Revista da Academia Cearense de Letras. A estrutura do livro materializa, portanto, a linha evolutiva traçada por Florival Seraine para os estudos folclóricos cearenses, linha essa fundamental para situar os intelectuais cearenses no tempo, estivessem eles pautados, ou não, nos paradigmas científicos da pesquisa folclórica.

Francisco Régis Lopes Ramos afirma que há um elemento importante na arquitetura de uma antologia que precisa ser levada em consideração: o enlace entre os textos. Para o autor, na medida em que é selecionado, o texto se torna antológico, passando a fazer parte de uma espécie de ranking dos autores memoráveis, formando

assim uma tradição. A Antologia do Folclore Cearense foi a forma encontrada por Florival Seraine não apenas para fundar uma tradição cearense nos estudos folclóricos, mas para dar espaço aos intelectuais cearenses que não tiveram a oportunidade de figurar em publicações de recorte mais amplo, como a Antologia do Folclore Brasileiro, por exemplo. “Do ponto de vista do movimento que anima o circuito dos autores, uma antologia mais restrita oferta boas oportunidades de (auto)elogio” (Ramos, 2012, p. 79).

Assim, Florival Seraine elogiava os autores cearenses, os estudos folclóricos cearenses e a si mesmo, pois ele era um dos autores apresentados na Antologia. A partir do momento em que ele está realizando seus trabalhos de coleta e classificação do folclore cearense, selecionando os autores que irão figurar nas páginas da antologia e organizando-os a partir de determinados critérios ele está, de alguma forma, realizando um complexo processo de seleção daquilo que deve ser registrado e/ou recordado do passado, e por isso está produzindo memória.

Por que então Seraine resolve publicar uma antologia nesse momento? Acredito que sua escolha não é aleatória. Penso que a função atribuída a essa tipo de livro no século XIX – contribuir para a formação de uma identidade – permanece nas antologias produzidas posteriormente. Nesse caso, o objetivo de Florival Seraine seria o de fortalecer ou recriar a identidade cearense, na medida em que, naquele momento, a cultura, e mais especificamente a cultura popular (o folclore) era a principal base de definição das identidades, fossem elas nacionais ou regionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Francisco Alves de. Folclore Mágico do Vaqueiro Cearense. In: SERAINE, Florival. Antologia do folclore cearense. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1968, p.131-135.

\_\_\_\_\_. História como memória social. In: BURKE, Peter. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p.69-89.

CHARTIER, Roger. À beira da falésia. A história entre as certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. Práticas da leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, FGV, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. O fato e a fábula. A escrita da História do Ceará. No prelo.

SENNA, Janaína Guimarães de. Flores de antanho. As antologias oitocentistas e a construção do passado literário. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – PUC: Rio de Janeiro, 2006.

SERAINÉ, Florival. Antologia do folclore cearense. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1968.

\_\_\_\_\_. Antologia do folclore cearense. Fortaleza: Edições UFC, 1983.

\_\_\_\_\_. Folclore brasileiro. Ceará. Rio de Janeiro: FUNARTE/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

VILHENA, Luís Rodolfo. Projeto e Missão. O movimento folclórico brasileiro (1947-1964). Rio de Janeiro: Funarte/FGV, 1997.